

# *Oitocentos*

*Arte Brasileira do Império à República*

*Tomo 2*

ARTHUR VALLE

CAMILA FAZZI

(ORG.)



2010

**Realização da Publicação**

UFRRJ  
CEFET-Nova Friburgo

**Organização**

Arthur Valle  
Camila Dazzi

**Projeto Gráfico**

Camila Dazzi  
dzaine.net

**Editoração**

dzaine.net

**Editoras**

EDUR-UFRRJ  
DezenoveVinte

**Correio eletrônico**

dezenovevinte@yahoo.com.br

**Meio eletrônico**

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no *II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX*. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

Oitocentos - Arte Brasileira do Império à República - Tomo 2. / Organização Arthur Valle, Camila Dazzi. - Rio de Janeiro: EDUR-UFRRJ/DezenoveVinte, 2010.

1 v.

ISBN 978-85-85720-95-7

1. Artes Visuais no Brasil. 2. Século XIX. 3. História da Arte. I. Valle, Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. IV. Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca. Unidade Descentralizada de Nova Friburgo. V. Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira do Século XIX.

CDD 709

ISBN 978-85-85720-95-7



9 788585 720957



# A Arte na Arte de Negociar e na Diplomacia: a importância da Missão Austríaca para a independência das Artes Visuais no Brasil do século XIX

Maria João Nunes de Albuquerque\*



esta comunicação procurarei apresentar alguns documentos sobre o “eco-europeu” que a partida da corte portuguesa para o Brasil teve na “nova imagem” do Rio de Janeiro, *cidade imperial*, e a importância que esta cidade ganhou na Europa central como território autónomo, livre e independente, tanto a nível económico e político como científico e artístico, a partir da primeira década de oitocentos.

Qual foi a importância dessa missão e qual o resultado obtido?

Conhecemos a *Viagem filosófica ao Brasil* de Martius e Spix que apresenta mapas de exportação e importação de produtos brasileiros. Esses dados são publicados pela imprensa estrangeira e foi o crescente interesse económico por estes territórios ateadores da chama para a descoberta do novo mundo no universo político e diplomático por parte da Europa central iluminista que se viu parte activa deste período da História do Brasil. Que relação há entre este âmbito económico, político e financeiro e a construção da História da Arte brasileira no século XIX?

Os objectivos da missão austríaca eram claros:

*Sua majestade o rei da Baviera, insigne patrono das ciências, convencido das vantagens para as mesmas [partes] e sobretudo para a humanidade traria o mais íntimo conhecimento da América, transmitiu para esse fim, no ano de 1815, à Academia da Ciências em Munique a ordem que providenciasse sobre a viagem científica ao interior da América do Sul.*

E, no entanto, todos os volumes da *Viagem Filosófica ao Brasil*, como em algumas outras obras portuguesas e vienenses que enumeraremos, são mencionados o número de navios e os produtos exportados. Os autores desses documentos referem a excelência dos pintores e ilustradores que seguiram nos barcos dessa missão.

Mas que papel tiveram estes artistas, no Rio de Janeiro ou já depois na Europa, na construção do percurso das artes visuais para a autonomia em relação a Portugal?

---

\* Mestre em Arte, Património e Restauro, FLUL, Portugal

A partir de pequenos excertos informativos sobre o papel dos pintores austríacos no Brasil e as repercussões que as suas estadas e vivências tiveram no desenvolvimento de uma escola de novos mestres ou de uma relação bi-lateral entre o Rio de Janeiro (e outras cidades do Brasil) e a cidade imperial austríaca, levaram-me a compulsar e reunir um conjunto de elementos que se encontravam, sobretudo em arquivos particulares na Eslovénia e em Praga, bem como em Viena, mas também brasileiros, que gostaria de partilhar neste II Colóquio Nacional de Estudos sobre Arte Brasileira no século XIX.

Para compreendermos a razão que levou o Imperador austríaco Francisco I a interessar-se pelo território português na América devemos primeiro procurar fazer uma contextualização histórica que nos leva aos inícios do século XIX e lembrar as alianças político-económicas entre Portugal e a França levaram o nosso país a entrar em confronto directo com as terceira e quarta coligações, mas a convenção sobre neutralidade portuguesa, assinada a 18 de Maio de 1804, iria modificar esta situação. A sua difícil inclusão na aceitação nas cláusulas constantes do Bloqueio Continental e a sua aproximação a Inglaterra, já considerada como a opção certa em 1802, levou a que essa aliança fosse concretizada logo a seguir pelo governo português. Após o *Tratado de Tilsit*, que o Czar Alexandre I e o Imperador francês assinaram em segredo a 7 de Julho em 1807, pôs-se um fim à guerra gerada pela quarta coligação contra a França. Napoleão julgou poder manter isolada a Grã-Bretanha, “querendo conquistar o mar pelo poder na terra.” A 22 de Outubro desse ano, a família real portuguesa era transportada em navios sobre escolta inglesa para o Brasil.

Na distância entre estas duas Europas, a Continental e a Ocidental houve um aliado e um inimigo comum - a França -, mas houve sobretudo a possibilidade da construção de um Império, absolutista e dinástico, na nova capital portuguesa do Brasil. A América do Sul foi, pela primeira vez, vista como uma unidade geopolítica. As realezas peninsulares corporizavam a ideia de império que estava a ser destruída nas terras ocupadas de Viena. Esta possibilidade promoveu uma actividade diplomática entre os dois países e uma reacção muito acesa tanto nas universidades alemãs e austríacas, como nas nacionais que seriam discutidas até às primeiras reuniões no Congresso de Viena em Junho de 1815 e concretizadas depois desta data, nomeadamente, como referiremos, em viagens como a empreendida pela Missão Austríaca.

Neste contexto uma das figuras mais emblemáticas da diplomacia austríaca é a de Clemente Venceslau Lotário von Meternich (1773-1859), um dos mais importantes diplomatas e estrategas na construção do equilíbrio europeu no Congresso de Viena, a que presidiu em 1815, seguindo o programa político do pai, o Conde Francisco Jorge de Meternich, que também foi embaixador da

Vestefália na corte de Saxe<sup>1</sup>.

Nascido em Coblença, na Renânia, hoje região de Karlovy Vary, Clemente Meternich deixou em testamento os seus arquivos pessoais e familiares, tendo como exigência que apenas fossem divulgados pelo bisneto, Paulo de Meternich.

Guardados perto de Praga na propriedade de férias que tinha adquirido em 1826, Clemente de Meternich conservou um volume incalculável de manuscritos e documentos que, depois de uma ‘viagem’ por diferentes palácios da família, nomeadamente o de Viena e o de Königswart, também situado na Boémia, nos limites de Marianske Lazne, a 45 km a oeste de Plass, ali sobreviveram. Actualmente estão conservados no Arquivo da Biblioteca Nacional de Praga.

Clemente Meternich foi sobretudo o mentor de uma política europeia estruturada “num ‘sistema’ [...] mais imobilista que reaccionário, mas que se applicava à política interna e à conservação da Europa anterior à Revolução Francesa”, sistema esse que, a nível externo, sobretudo diplomático, se consolidava num programa de equilíbrio de forças e de valores entre as várias potências europeias. Este programa político foi delineado sobretudo a partir do ‘recez’<sup>2</sup> de Rabistona, em 1803, período durante o qual essas potências europeias cederiam território para a formação do Reino Unido dos Países Baixos. Face às tensões criadas entre o catolicismo conservador, em que ambos os diplomatas – Francisco Jorge e Clemente de Meternich - se incluíam, e o protestantismo holandês (a partir de 1830, a actual Bélgica, só ratificada no Tratado de Londres, a 19 de Abril de 1839), ambos criariam uma crescente antipatia pela política revolucionária francesa. Efectivamente, foi no decurso das negociações de Rabistona que se assinou um decreto, em que a dieta<sup>3</sup> daquele território negociou a “se su[pressão] [d]os doze Estados, Eleitorados ou cidades livres, dos quais muitos eram protegidos ou amigos da França [...] e se preparou a formação da Confederação do Reno, a transformação do Sacro Império Romano no Império da Áustria e a elevação a reinos os eleitorados da Baviera e de Saxe e do Ducado de Vurtemberg.” Como recompensa a família Meternich receberia o domínio e principado de Ochsenhausen e Clemente seria nomeado embaixador na corte de Frederico Guilherme III da Prússia. A 20 de Dezembro de 1803, no relatório de final de missão, antes de assumir o posto de embaixador em Berlim, Meternich

---

<sup>1</sup> Também embaixador do Imperador José II dos eleitorados de Trêves, Coblança, Colónia e, só mais tarde, do Círculo dos Países Baixos do Reno e da Vestefália.

<sup>2</sup> BÉTHOUARD, Louis. **Meternich e a Europa**. Porto: Lello & Irmãos Editores, 1985, p. 29: “‘Recez’ é uma decisão publicada pela Dieta do Sacro Império Romano-Germânico no seguimento das negociações com as outras potências. [...] O ‘recez’ de Rabistona negociado ou inspirado em Talleyrand em nome de Bonaparte [...] plebiscitado Primeiro com o Primeiro Cônsul em vida e presidente da República de Itália em dois de Agosto de 1802.”

<sup>3</sup> **Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura**. Lisboa: Verbo Editora, Vol.6, 1967, p. 1333: “Dieta – Antiga assembleia política de vários estados. No Império germânico reorganizada no século XV, é desde então formada pelo ‘Colégio dos

escreveria ao Conde de Coblença, então Ministro dos Assuntos Exteriores austríaco que a Corte de Saxe só tivera “um desejo, o de não ter mais do que um papel secundário em todas as questões de maior interesse e avisava que a constituição da Europa dev[eria] desabar se as primeiras cortes tivessem uma atitude passiva”<sup>4</sup>.

Tendo-se consagrado à luta contra os ideais revolucionários franceses, Clemente de Meternich tinha concebido um plano interno de coesão do território, opondo-se aos nacionalismos internos, que, desde a primeira hora, iriam retalhar o território que sempre tinha conhecido e se orgulhava de representar.

A sua política católica e iluminista ultra-conservadora tinha como antecedentes a sua formação em Direito na Universidade de Estrasburgo e a forte influência *franco-maçom* do pai que se torna importante referir. Já nessa altura, ambas as universidades belgas – a protestante e a católica – eram um pólo de Estudos Europeus onde os filhos das altas aristocracia e burguesia europeias – Rússia, Polónia, Suécia, Países Baixos, entre outros-, iam completar a sua formação, mas as desordens revolucionárias naquela cidade levaram-no a transferir os estudos para a universidade de Mogúncia<sup>5</sup>, que como a anterior, era um importante centro difusor dos novos ideais franceses. Foi, no entanto, nestas instituições que o jovem Meternich faria amizade com Kotzebue e Gentz, entre outros, contactos que se manteriam e que lhe seriam muito úteis na nomeação e no desempenho de cargos políticos e diplomáticos futuros.

Aos dezassete anos, depois da coroação do Imperador Leopoldo II, a 9 de Outubro de 1790, Clemente foi enviado como mestre-de-cerimónias para a Corte Católica de Vestefália. A morte de Leopoldo II, a 1 de Março de 1792, levou a família a instalar-se em Viena, na corte do novo imperador Francisco José II, onde continuaria a desempenhar o cargo de mestre-de-cerimónias. As primeiras missões diplomáticas de Clemente no Eleitorado de Saxe e em Dresden (1801-1803)<sup>6</sup> foram postos de pouca importância política, mas permitiram-lhe conhecer Charles Maurice Talleyrand-Périgord e outras figuras importantes, que lhe abririam portas para a sua futura missão como Embaixador em Paris de 1806 a 1809, ano em que assumiu o cargo de Ministro dos Assuntos Exteriores do Império austríaco.

---

> Eleitores’, no qual tomam assento os soberanos que gozam do privilégio de eleger o imperador, o colégio dos príncipes e o colégio dos cidadãos livres”.

<sup>4</sup> BÉTHOUARD, op. cit., p. 38.

<sup>5</sup> Idem, ibidem, p. 38: “Nas negociações de Rabistona, a França quis secularizar os eleitorados católicos em benefício dos soberanos leigos que lhes eram leais, pelo que Mogúncia foi, a par de Trêves e Colónia, suprimida. Será importante referir que todos estes eleitorados foram ‘casa’ de infância de Clemente de Meternich”.

<sup>6</sup> Idem, ibidem, p. 30 e 31: “Intrucções com as quais o Conde de Meternich-Widdenbourg, nosso ministro plenipotenciário na Corte de Saxe eleitoral, se deverá conformar”, datada de 2 de Novembro de 1801.

Talleyrand<sup>7</sup> tinha sido incumbido por Napoleão Bonaparte de persuadir o Czar Pedro II de reforçar a aliança franco-russa a ser ratificada entre o imperador do Sacro-Império Romano-Germânico Francisco II e o Primeiro Cônsul francês. No entanto, essa aliança não seria tratada durante os encontros que manteve com o Czar. Neste domínio, Clemente de Meternich e Talleyrand partilhavam a mesma ideia de Império, talvez forjada nos anos passados em conjunto na universidade, procurando ambos negociar o equilíbrio das forças das potências da Europa, tendo, por esse motivo especial interesse mais uma vez o ‘revez’ de Rabistona em que ambos tinham participado e que levaria à remodelação e reorganização da Alemanha e da Europa Central. A arte de negociar e a diplomacia entrelaçariam interesses públicos e privados como o próprio Talleyrand admitiu numa carta que dirigiu a Napoleão Bonaparte, no momento da sua nomeação em 1797<sup>8</sup>, de que transcrevo este excerto:

*J'ai l'honneur de vous annoncer, général, que le Directoire exécutif m'a nommé ministre des Relations extérieures. Justement effrayé des fonctions dont je sens la périlleuse importance, j'ai besoin de me rassurer par le sentiment de ce que votre gloire doit apporter de moyens et de facilité dans les négociations. Le nom seul de Bonaparte est un auxiliaire qui doit tout aplanir. Je m'empresse de vous faire parvenir toutes les vues que le Directoire me chargera de vous transmettre, et la renommée, qui est votre organe ordinaire, me ravira souvent le bonheur de lui apprendre la manière dont vous les aurez remplies.*<sup>9</sup>

Para a compreensão da sua visão é fundamental também referir a de Friederick Gentz<sup>9</sup>, que viveu em Dresden durante o mesmo período em que os outros dois estadistas viveram, e para quem as suas obras de política económica foram fundamentais na edificação da Europa como hoje a concebemos. *L'État Politique de l'Europe avant et après la Révolution Française* (1801) e os *Fragments* (1805) constituem uma súpula da sua obra sobre este momento tão importante da História da Europa.

Instalados em Berlim desde 1802, os Duques de Curlândia conheceram Edmund de Talleyrand, sobrinho de Charles Tayllerand, por intermédio de Friederick Gentz, casado com Minna Gilly, filha do Alto Administrador da Prússia, David Gilly. Este envolvimento familiar tão próximo interferiria igualmente nas suas decisões relativamente aos ducados de Milão (1805) e dos territórios de Nápoles (1806), enquanto Presidente da República Cisalpina depois da assinatura do Tratado de

---

<sup>7</sup> Idem, ibidem, p. 31: “Deputado e embaixador durante a Revolução francesa, Charles Maurice de Talleyrand Périgord foi ministro das Relações Exteriores Francesas durante o período do Directório, ministro dos Negócios Estrangeiros durante o Consulado e finalmente presidente do Conselho de Ministros na Restauração e embaixador durante a Monarquia de Julho”.

<sup>8</sup> BROGLIE, Victor. **Correspondance inédite et officielle de Napoléon Bonaparte avec le Directoire, les ministres** [...], 1819, 7 volumes; SOREL, Albert. **Études d'Histoire et Critique**. Paris: 1891-1892, 5 vols.

<sup>9</sup> KRONENBITTER, Günter. **Friederick Gentz as political writer**. Augsburg, 1994.

Campo-Formio, a 6 de Junho de 1797. Efectivamente, o rei de Nápoles beneficiaria com esta situação, não tendo sido destituído, razão pela qual elegeria Edmundo de Talleyrand, Duque de Dino, em 1808.

Desde o primeiro momento da sua missão como embaixador em Berlim (1803-1806), Clemente de Meternich aperceber-se-ia de que a Prússia estava ao lado dos franceses, como vem referido no ofício que escreveria, em 1803 a Jerónimo de Colloredo-Mannsfeld, Príncipe do Arcebispado de Salzburg e membro do governo austríaco após a mediatização e secularização, dando-lhe conta da situação que se vivia em Berlim: “[Christian August von] Haugwitz<sup>10</sup>, Ministro dos Negócios Estrangeiros é o mais devotado aos interesses da França, pago por ela não podendo ser comprado por mais ninguém.”<sup>11</sup>

A 24 de Setembro de 1804, Meternich enviaria um “importante relatório a Colloredo para lhe mostrar, [que], ao contrário do que pensava [Johann Amadeus] Thugut<sup>12</sup>, os interesses da Áustria e da Prússia eram idênticos, [informando-o] que só o medo da Rússia o faria mudar de política. ‘Só através da corte de Sampetersburgo a corte da Prússia se pode conquistar’<sup>12</sup>”. Efectivamente, o Ministro dos Assuntos Exteriores austríaco, pressionado pelo Czar Alexandre acabaria por assinar com a Prússia o tratado de aliança com Inglaterra a 11 de Abril de 1805. Napoleão invadiria o território prussiano a 21 de Setembro desse mesmo ano e, a 21 de Outubro, Napoleão seria derrotado pela ‘Invencível Armada’ em Trafalgar, embora tivesse ganho na Batalha de Austerlitz. A Inglaterra tornava-se senhora dos mares e Napoleão, senhor do continente.

Logo depois da assinatura do armistício, Napoleão retomou as negociações de paz com a Áustria, em Pressburgo, tendo os dois estadistas – Meternich e Talleyrand – participado de forma crucial no seu desfecho. “Assinado a 16 de Dezembro de 1805, pelo Tratado de Presburgo, a Áustria perdia um quinto dos seus territórios com a Venécia, a Ístria; na Áustria, a Dalmácia, o Tirol e o Vorarlberg, dados à Baviera. [...] Meternich propunha, nesse tratado, o equilíbrio entre o Império francês, por um lado, e o Império da Rússia e o reino da Prússia, por outro. A memória sobre os meios de acabar com as desgraças e os perigos da Europa e sobre os princípios de uma pacificação

---

<sup>10</sup> GUENIFFEY, Patrice, Le Dix-huit Brumaire. L'épilogue de la Révolution française. **Napoléon, la revue online**. Fondation Napoléon, RN°2, octobre - novembre 2008, (tradução livre): “Oriundo de uma família protestante da Silésia Christian August von Haugwitz estudou direito, tornando-se depois o Eleitor daquele território em 1791. Frederico Guilherme III da Prússia entrega-lhe a embaixada em Viena em 1792 e, mais tarde, a pasta de Ministro dos negócios estrangeiros em Berlim”.

<sup>11</sup> BÉTHOUARD, op. cit., p. 39 e 40.

<sup>12</sup> THUGUT, Johann Amadeus (1736-1818) foi um agente austríaco infiltrado na corte de Luis XV, enviado pelo primeiro Ministro Kautnitz e a Imperatriz Maria Teresa. Em 1794, depois da morte de Kautnitz foi nomeado Ministro dos Negócios Estrangeiros austríacos.

gera”.<sup>13</sup> O projecto de tratado de paz para libertar e organizar os países germânicos, publicados em 1806 por Gentz, sintetizaria o pensamento de Meternich que a 4 de Agosto desse ano representava a Áustria em Paris, cargo que lhe fora atribuído por pertencer à família do chanceler austríaco Kautnitz, a quem Napoleão tinha solicitado um diplomata de confiança.

Talleyrand procurou esse mesmo equilíbrio, mesmo que para isso tivesse de confrontar a política do seu país, estabelecendo relações institucionais muito cordiais, como podemos ver neste pequeno excerto das suas memórias<sup>14</sup>:

*L'Autriche, dans l'état de détresse où elle était réduite, ne pouvait que subir les conditions imposées par le vainqueur. Elles étaient dures, et le traité fait avec M. d'Haugwitz rendait pour moi impossible de les adoucir sur d'autres articles que celui des contributions. [...] [Napoléon] m'écrivit à quelque temps de là : "Vous m'avez fait à Presbourg un traité qui me gêne beaucoup".*<sup>15</sup>

Este mal-estar iria aumentando nos dois anos seguintes. Os dois tratados de Tilsit, que Talleyrand tinha sido obrigado a assinar a 25 de Junho e a 9 de Julho desse ano subverteram todos os ideais do Iluminismo Católico em que este antigo Bispo francês acreditava, indignando-se com a forma e o tratamento dado aos países vencidos. A Prússia devia ceder os territórios anexados a seguir à divisão da Polónia e renunciar a Danzing que se tornaria o Ducado de Varsóvia. Os territórios a Oeste de Elba seriam integrados no reino de Vestefália, pedindo a sua demissão do cargo de Ministro dos Assuntos Exteriores a 10 de Agosto de 1807.

Nesse ano, enquanto Junot avançava com as tropas napoleónicas sobre o território português, Carolina Junot, (futura Duquesa de Abrantes) e Laura Murat (irmã de Napoleão Bonaparte) partilhavam Meternich. Essa intimidade permitiu-lhe obter muitas informações sobre o declínio da moral e do estado débil das finanças francesas. Tanto a Prússia como a Áustria foram objecto de contra-espionagem.

A 15 de Agosto de 1808, em Saint-Cloud, em conversa havida com o Imperador francês, aperceber-se-ia de que as tropas estavam já em marcha para o Guadalquivir. A primeira derrota chegaria a 22 de Julho de 1808. Tendo procurado sempre dissuadir Napoleão a não invadir Espanha e procurando que partilhasse da sua simpatia pela Áustria, Talleyrand fora ainda incumbido de preparar o Congresso de Erfurt que teve lugar a 14 de Setembro de 1808. Colocando-se definitivamente do lado do Czar e dos mais ilustres aristocratas europeus aí reunidos, Talleyrand declarou que não concordava com o seu Imperador e os bonapartistas, como refere nas suas

---

<sup>13</sup> BÉTHOUARD, op. cit., p. 42 e 43.

<sup>14</sup> TAYLLERAND, Charles, **Mémoires et correspondance du prince de Talleyrand**. Bouquins, Paris: Robert Laffon, 2007, p. 249.

memórias, orgulhoso por considerar que, em Erfurt, tinha salvo a Europa: “Le peuple français est civilisé, son souverain ne l’est pas ; le souverain de la Russie est civilisé, son peuple ne l’est pas”.

Nesse mesmo ano, oferecia os seus serviços à Rússia e à Áustria. Os constantes relatórios de Meternich tinham contribuído para a declaração de guerra sem pré-aviso: a 9 de Abril de 1809, o Arquiduque João despoletava a insurreição do Tirol contra a Baviera, sob o domínio francês. Meternich ficaria em Paris até 26 de Maio de 1809, seguindo para Viena onde chegaria a 5 de Maio. A 3 de Julho apresentava-se ao Imperador austríaco Francisco I que o nomearia Ministro dos Assuntos Exteriores. O Czar Alexandre, encorajado pelas dificuldades que Napoleão enfrentava em Espanha, propôs a Meternich, em Setembro desse ano, uma aliança russa-austríaca em caso de nova agressão de Napoleão que o estadista recusou, mas a 31 de Dezembro de 1810, o czar rompia finalmente o bloqueio continental. Apesar de todos estes desaires, o Imperador Francisco I manteve plena confiança em Meternich e na sua forte convicção de que a derrota do inimigo estaria para breve. Nesse momento, foi também Meternich que negociou a entrada da Áustria na coligação dos Aliados. A Quádrupla Aliança, liderada pelo Ministro dos Assuntos Exteriores inglês Lord Castlereagh, e o apoio financeiro de Inglaterra levou os aliados a avançar sobre a linha de Elba, no fim de 1813, no Reno. Paris capitularia a 31 de Março de 1814. E foi nessa qualidade que presidiu ao Congresso de Viena entre 1 de Novembro de 1814 e 8 de Junho de 1815 e assinou o armistício no Congresso de Plessvitz, em Praga. O seu projecto de devolver a união à Europa, que combatia contra Napoleão, tinha finalmente sido executado. Apesar dos nacionalismos que eclodiam, a importância dos interesses privados e da mais-valia para cada um dos países envolvidos fora preterida em prol da estabilidade europeia. Sintomática dessa vitória é a frase que escrevera a Wellington: “A Europa assumiu para mim há muito tempo, o valor de uma pátria”.

Instalado na chancelaria, e tendo a seu lado como colaborador e amigo Friederick de Gentz, Clemente de Meternich, afastado da política e diplomacia activas, manteve-se a par de todos os assuntos que se passavam na corte imperial, nos palácios dos aristocratas e nas residências da alta burguesia e embaixadas estrangeiras residentes no Império. As estreitas relações, sobretudo epistolares, entre os embaixadores, nomeadamente naqueles países onde foi Ministro dos Assuntos Exteriores (o Embaixador Otto, em França; o Ministro Hardenberg, na Prússia e o Príncipe Razumovi, Embaixador russo em Viena), continuaram a ter efeito na política comum. Entretanto, Portugal tinha-se mantido informado de todas as convulsões políticas desde a primeira hora e a censura (instrumento de coerção e corpo social capaz de intervir na política por meios legais como salvaguarda de princípios que considerava essenciais, capaz de promover outros valores que serviriam de igual modo o sistema político vigente), foi sendo mais permissiva, deixando que a

sociedade portuguesa, através do enriquecimento das suas bibliotecas, se “iluminasse”. Os catálogos associados às livrarias privadas instaurados por Sebastião José de Carvalho com fins de controlo, sobretudo de bibliotecas privadas, revelavam essa adequação dos instrumentos censórios à conjuntura revolucionária francesa. Entre “1790, 91 e 92 respondem seis mil títulos [...] ou seja, todos os grandes temas que na Europa faziam moda encontravam também eco, fazendo fê nos 517 catálogos dos livreiros recenseados”.<sup>15</sup>

Até 1792, o Tribunal Censório ainda não tinha aceitado “‘o espírito da Enciclopédia’ de forma generalizada. No entanto, na regência de D. João VI o espírito da revolução francesa modificaria definitivamente este estado de situação. Em 1793 apenas foram mencionados nove documentos de censura face à circulação clandestina de livros; e, em 1794, apenas quatro. A figura do censor António Ribeiro dos Santos”<sup>16</sup> é relevante para a leitura do político e a visão de Estado sobre o papel de censor inquisitorial. As leis de 17 de Dezembro de 1794 e o Alvará de 30 de Julho de 1795 actualizariam as formulações jurídicas portuguesas e colocá-las-iam a par das europeias. A leitura completamente livre de autores como Locke, Montesquieu D’Alembert, Puffendorf e Lineu, entre outros, possibilitariam a difusão de um novo espaço público. As temáticas laicas com incidência na história, economia, medicina, farmácia, geografia e a importância dos temas científicos permitiriam uma outra inteligibilidade da sociedade e da política. O ‘catolicismo iluminado’ passaria a ser transversal aos territórios católicos do antigo império austríaco e aos territórios portugueses das duas margens do Atlântico. É interessante o excerto de Rocha Loureiro (1778-1853) publicado sobre os Memoriais de D. João VI, onde é referido que “a política que nos séculos passados era exclusivamente a ciência dos gabinetes e a ocupação dos homens de Estado se tem tornado nos nossos tempos o objecto da curiosidade de todos”.<sup>17</sup>

Tanto o Imperador austríaco Francisco I, aconselhado por Clemente de Meternich, como D. João VI defendiam que:

*[...] as guerras que outrora versavam sobre os limites dos impérios e nasciam de alguma caprichosa pretensão do soberano, [...] [porque também tinham passado a] interessa[r] todos os cidadãos [pois que estas] decidem não só da sorte das monarquias e dos governos, mas até da condição dos particulares. O aumento e propagação das luzes e a extensão das relações comerciais entre as nações são as principais causas da constante atenção com que todos olham em nossos dias os acontecimentos políticos e militares; o comércio transmite as notícias importantes às regiões*

---

<sup>15</sup> ANTT, Real Mesa Censória. Catálogos de livros retidos nas Alfândegas na Casa de Revisão e nas Secretarias da Mesa, Cx 171 e seguintes.

<sup>16</sup> PEREIRA, José Esteves. **O pensamento político em Portugal no século XVIII**: António Ribeiro dos Santos. Lisboa: INCM, 1983.

<sup>17</sup> LOUREIRO, João Bernardo da Rocha. **Memoriais de D. João VI**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, Centro cultural português, 1973.

*mais remotas, e os particulares com o fito nas suas especulações mercantis, rapidamente as acolhem.*<sup>18</sup>

Os interesses comerciais portugueses abririam portas aos periódicos e à imprensa económica. É o próprio Estado que informa os seus concidadãos da evolução do mercado financeiro. Já no final dos anos 80, o censor José Mayne promovia a tradução de *O Estado Civil Político e o Comerciante de Benguela*, de Bolts, embora, a título de advertência, aconselhasse prudência na leitura, considerando que:

*a obra é meramente política e que neste ponto de vista se devem examinar as proposições do seu autor. [E que] como todos os políticos concordam, e a experiência tem evidenciado e que nas circunstâncias em que ele fala a tolerância é mais vantajosa para o comércio [...]. 25 de Setembro de 1786.*<sup>19</sup>

Outras fontes importantes foram as *Cartas a Orenses*<sup>20</sup> ou o *Argus Lusitanus*<sup>21</sup>. *O Mercúrio Político Comercial e Literário* (1816 a 1826); o *Campeão Portuguez ou o Amigo do Rei e do Povo*<sup>22</sup>, em Londres, (1816 a 1821).; o *Correio Braziliense*<sup>23</sup> que tiveram como redactores Bernardo José de Abrantes de Castro (1771-1833); Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844) ambos com exercício efectivo até 1814.

Este conceito de liberalização da imprensa e a menor repressão da Real Mesa Censória relacionada com as vantagens comerciais está bem presente nas últimas páginas dos volumes *Viagem ao Brasil* de Martius<sup>24</sup> e Spix<sup>25</sup> que apresentam mapas de exportação e importação de todos os produtos da colónia portuguesa do Brasil, desde 1760 a 1812. Nele são mencionados o número de navios e os produtos exportados em arrobas (algodão, arroz, gengibre, cacau, couros curtidos de boi, meio couro, cravo da Índia, fumo, café, amido de mandioca, copalina, anil, seda bruta, cera, tecido grosseiro de algodão, sebo, óleo de copaíba, troncos de árvores, barras de ouro, madeira de construção naval, tartarugas, estando referida em nota de rodapé «a grande exportação de 1809,

---

<sup>18</sup> LOUREIRO, op. cit., p. 33.

<sup>19</sup> ANTT, Real Mesa Censória: censuras e pareceres cx.13, doc. 19, 25 de Setembro de 1786.

<sup>20</sup> ALVES, Augusto dos Santos. **A Universidade de Coimbra na memória da emigração liberal no primeiro quartel de oitocentos.** A opinião pública em Portugal (1780-1820). Lisboa: Dissertação de Doutoramento em História das Ideias Políticas, apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1998, Universidade Autónoma, 2000.

<sup>21</sup> Oficina de Cox Son and Baylis, 1809 e 1810.

<sup>22</sup> **O Campeão Portuguez ou o Amigo do Rei e do Povo, Jornal Político, publicado todos os quinze dias para advogar a cauza e os interesses de Portugal**, Londres: impresso por L. Thompson, 1819-21.

<sup>23</sup> **Correio Braziliense ou Armazém Litterario**, Londres: W. Lewis, 1808-1822.

<sup>24</sup> Friederich Martius, (1794 Erlagen/1868 Munique) era botânico.

<sup>25</sup> Johann Baptist Spix (1781 Erlagen/1826 Munique) era médico.

motivada por ser retida a exportação do ano precedente, devido à ocupação de Portugal pelos franceses».

Efectivamente não foram só os interesses científicos e artísticos que levaram Meternich a coordenar a *Missão Austríaca* ao Brasil. Logo após o Congresso de Viena, os governos da Áustria e da Baviera procurariam novos territórios de capitalização e novos mercados de exportação. O novo continente americano era muito atractivo e as alianças com Portugal também. O novo projecto de Meternich é claramente proposto no jornal *New Deutsche Monatasschrift*, publicado por Gentz ou reflectido na inúmera obra impressa co-escrita também por Gentz, e fonte essencial para a compreensão do universo político e diplomático vivido na Europa iluminista deste período. O objectivo da Missão Austríaca concretizado por ocasião do casamento de D. Pedro de Alcântara com a Arquiduquesa Josefa Leopoldina de Habsburgo vem bem explicitado nas Viagens Filosóficas ao Brasil. No decorrer da narrativa, Spix elucida os seus leitores:

*[...] com a mudança da corte de Lisboa para o Rio de Janeiro, o comércio desta cidade [Rio de Janeiro] e de outras cidades do Brasil acha-se limitada exclusivamente a Portugal Há diariamente crescente produção de preciosos géneros coloniais e a diligente exploração do ouro no interior das terras havia aumentado muito [...]. Havia assim conquistado Lisboa nos últimos decénios do último século uma actividade e opulência que a elevava, depois de Londres, à primeira praça de comércio do mundo. [...]*

O mercado passara a ser atractivo quando “[...] depois do Decreto Real de 18 de Junho de 1814, os portos do Brasil foram abertos, carta que excluía a França por se achar em guerra com Portugal”. A Missão Austríaca partiria a 6 de Fevereiro de 1807, um ano antes da abertura do comércio livre, a 18 de Fevereiro de 1808:

*Depois de mais ou menos tudo pronto e remetidos os livros, instrumentos, botica de campanha e mais aparelhamentos de viagem, directamente de Trieste, encetámos a viagem a 6 de Fevereiro de 1807 de Munique para Viena. Na cidade imperial a 10 de Fevereiro, tivemos da parte do chanceler austríaco príncipe de Meternich e do embaixador bávaro Barão de Steinlein o mais eficaz e generoso auxílio para as ulteriores disposições e fornecimentos necessários execução dos planos científicos.*

Era genuína a curiosidade manifestada pelas academias científicas europeias desde o reinado de D. João V. O estudo da botânica e da zoologia sempre fascinara a comunidade científica do Sacro Império Romano-Germânico. O gosto pelas artes e pelas ciências fora também um legado da sua formação académica em Estrasburgo e em Mogúncia, nomeadamente os cursos de História de

Nicolau Voght e a sua amizade com Alexandre Humboldt (1769-1859)<sup>26</sup>, (fundador da actual universidade de Humboldt), que também já tinha tentado viajar pelo Brasil nos anos de 1799 a 1804, tendo-lhe sido negada a entrada no território da Amazónia por ordem de D. João VI. Essa situação estava ultrapassada, visto que o Brasil tinha passado a ter outra importância a partir de 1804.

A obra de Humboldt foi publicada em Paris em 1805 e desde essa altura conhecida em toda a Europa nomeadamente por Meternich; em Portugal, foi publicada em 1807. O estudo das plantas e da botânica fora um dos grandes campos de investigação do Sacro Império Romano Germânico, nomeadamente em Pruhõnice, perto de Praga, o primeiro centro de investigação da Europa.

Em Lisboa, Coimbra e Rio de Janeiro, os jardins botânicos foram estruturados por especialistas, nomeadamente por Giovanni della Bella e Domenico Vandelli, naturalistas e professores de Física e Química em Itália e em Praga respectivamente, que projectaram o Gabinete de Curiosidades, futuro Museu de História Natural e o Laboratório de Química do Rio de Janeiro durante o vice-reinado de D. Luís de Almeida Soares Portugal (1769-1778). Essa cooperação já era efectiva, portanto, no século XVIII, como nos refere a carta deste vice-rei endereçada ao 3º Marquês de Angeja, a 6 de Março de 1772:

*[...] vendo eu o pouco caso que na América se fazia das suas preciosidades que não fossem ouro, ou diamante tendo todo este Estado [...] admiráveis plantas e raízes, óleos, bálsamos e gomas [...] deixando por esta causa de se aproveitar mais este ramo de comércio [...] resolvi-me a fazer um ajuntamento de médicos, cirurgiões, botânicos, farmacêuticos, e alguns curiosos [...] formando com eles uma assemblêia, ou academia para se examinarem todas as cousas que se puderem encontrar neste Continente pertencentes aos 3 reinos: vegetal, animal e mineral [...].*<sup>27</sup>

O texto das *Viagens Filosóficas ao Brasil*, organizada por Meternich e pelo alto patrocínio do Imperador Francisco I evidencia este mesmo interesse por este tipo de expedições. Os descendentes do Barão von Joaquim, o professor exímio de botânica alemã, que tinha passado alguns anos nas Índias Orientais foram visitados na preparação da viagem e o Instituto de Botânica de Brünn, hoje cidade de Brno, na República Checa; e o Instituto Joanneum (Museu de História Natural) em Gratz, hoje a cidade de Goritzia, região da Estria, na Eslovénia, fundado em 1811 pelo Arquiduque Johann, irmão do Imperador Francisco I:

---

<sup>26</sup>HUMBOLT, Alexandre, Exemple de Bifurcations et de Deltas d'Affluens pour servir d'éclaircissement aux discussions d'Hydrographie comparée contenues dans le Chap. 23 de la Relation Historique de Mr. de Humboldt. Rio Yapura : Delta d'affluent : deversement du recipient principal dans un affluent inférieur. - Escala [ca. 1:3 500 000]. - 1 mapa : água forte, p&b ; 8,2x13,6 cm em folha de 62,9x44,5 cm. Géographie des Plantes Équinoxiales : tableau physique des Andes et Paysvoisins dressé d'après des Observations & des mesures prises sur les lieux depuis, le 10e degré de latitude boréale jusqu'au 10e de latitude australe en 1799, 1800, 1801, 1802 et 1803 / par Alexandre de Humboldt et Aimé Bonpland. - Paris : Langlois, [1805]. - [Mapa 11, planche] 13.

<sup>27</sup>MARQUÊS DO LAVRADIO. **Cartas do Rio de Janeiro...**, Lisboa: BNP, [s.d.], carta 355, p. 96-97.

*O Sr. von Schreihus, director do museu de história natural [...] organizou a expedição. Era destinado o professor Mikan de Praga para Botânica e Entomologia, o médico Pohl para Mineralogia e Botânica; Natterer, assistente do Museu de História Natural para Zoologia, Thomas Ender para pintor de paisagens, H. Schott, filho do digno inspector do jardim da universidade (jardineiro), estes dois últimos mencionados eram auxiliares do Sr. Mikan. Além deles, acompanhavam a comissão e um mineiro.*

Nele estão, no entanto, subentendidas outras preocupações que são também do interesse dos governos implicados na missão ao Brasil de teor económico e comercial. A mineralogia, especialidade científica desenvolvida por Alexandre Humboldt na Academia de Minas de Friburgo. A geologia e a botânica foram também disciplinas que não foram descuradas, sendo os especialistas que seguem a bordo das fragatas *Augusta* e *Áustria* dos mais credenciados a nível europeu. A primeira fragata zarpara de Trieste a 10 de Abril de 1807 e chegaria ao Rio a 16 de Julho do mesmo ano, levando a bordo a Arquiduquesa e mais comitiva. A fragata *Áustria* levava a bordo o maior grupo de pesquisadores e naturalistas, Mikan e mulher, e Thomas Ender “indicado pelo grande Chanceler da Áustria e Príncipe Merternich-Winnenburg, pintor que já lograra conseguir o apoio e a admiração de tão alto e influente político [...]”<sup>28</sup>. Outros pintores o acompanhavam, nomeadamente Franz Frühbeck e Johann Buchberger, pintores de botânica. Embora tivessem como indicação viajarem juntos, em duas embarcações até Gibraltar onde incorporariam a esquadra portuguesa, uma forte tempestade separou-as. Ficando em Gibraltar, a fragata *Áustria* receberia a bordo o Barão Wilhelm Joseph de Neveu von Windschlag que viajava como Enviado Extraordinário e Ministro Plenipotenciário da Áustria, mas que efectivamente foi o Encarregado de Negócios da Áustria no Brasil<sup>29</sup> e grande comerciante e empresário Weber, representante das associações de empresários ingleses<sup>30</sup>.

A viagem que, segundo a imprensa e as obras publicadas, parecia não ter uma rota definida, estruturou-se em um plano de viagem e visitas cirúrgica e estrategicamente pensadas, como se pode aferir pelo excerto:

*Durante esse tempo, a actividade artística de Ender se multiplica nos inúmeros estudos e aquarelas definitivas, onde ia fixando tudo o que mais lhe despertava interesse. Através dos seus documentos*

---

<sup>28</sup> CUNHA, Lygia da Fonseca. **Thomas Ender, Catálogo de Desenhos**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1968, p. 7.

<sup>29</sup> KANN, Bettina; LIMA; Patrícia Souza. **D. Leopoldina, cartas de uma Imperatriz**. São Paulo: Estação Liberdade, 2006.

<sup>30</sup> RIDINGS, Eugene, Chambers of Commerce and Business Elites in Great Britain and Brazil in the Nineteenth century: some comparisons. **Business History Revue**, 75. Connecticut: Winter 2001, p. 739-773: “The most important problem they face in both nations was promoting a legal and institutional framework to facilitate economic expansion.”

*conhece-se o centro da cidade: praças, chafarizes, povo; os arredores; Catumbi, Valongo, Bota Fogo e tantos outros [...].*

No *Catálogo de Desenhos*, publicado no Rio em 1968, Lígia Cunha refere que o pintor Thomas “Ender não se limitou a *investigar*”<sup>31</sup> o Rio de Janeiro na sua Metrópole: viaja com os cientistas bávaros”. Dando continuidade à leitura da *Viagem Filosófica ao Brasil*, é curiosa, por exemplo, a visita da comitiva austríaca que viajara com a Arquiduquesa Josefa Leopoldina e de que faziam parte importantes personalidades e aristocratas bávaros e austríacos e que, segundo esse mesmo texto, nomeadamente o Príncipe de Taxis, o Conde de Vrba e o Conde de Palffy ou ainda o Conde von Eltz, Enviado Extraordinário da Áustria às propriedades do Cônsul-geral von Langsdorff<sup>32</sup>:

*[...] o nosso amigo cônsul geral von Langsdorff havia comprado pouco antes da nossa vinda ao Rio uma grande propriedade, na estrada de Minas Gerais ao lado norte da Baía e tinha também iniciado uma plantação de mandioca assim como a construção para si de uma casa de campo para além dos prédios de exploração.*<sup>41</sup>

Um pouco mais à frente, Spix volta a falar do Cônsul-geral para especificar mais uma paragem pelo caminho:

*Em Piedade, um logarejo que consta de diversas casas espalhadas com capela, distantes apenas uma milha de Porto-da-Estrela, saímos do mato da estrada para uma planície com jardins, roças e campos, [...] sobre a maciça cadeia da Serra dos Órgãos. O senhor von Langsdorf havia começado a cultivar esta fazenda que ficou inteiramente ao abandono.*

No mesmo *Catálogo de desenhos*, “desta viagem legou-nos famosos desenhos onde não se sabe o que mais apreciar: se o espírito romântico [...] ou o *documentário perfeito e fiel nos mínimos detalhes*”<sup>33</sup>. Na sua análise sobre a narrativa do diário de Spix e Martius, a ida até à fazenda foi exaustiva:

*Assim travado conhecimento com Langsdorff, Imperador Cônsul da Rússia, este os levou ao interior da província, à sua fazenda chamada Mandioca, distante cerca um dia de viagem que era feita de embarcação atravessando a baía de Guanabara até o Porto-de Estrela, e depois a cavalo quatro horas [para verem] uma impenetrável rusticidade [...] São vistas do fundo de Guanabara, onde uma vez desembarcados desembocam de impenetráveis florestas os rios que levam ao interior [...] é o caminho de Minas Gerais.*

---

<sup>31</sup> Grifo meu.

<sup>32</sup> SPIX, op. cit., vol. 3, p. 149.

<sup>33</sup> Grifo meu.

Nesse mesmo volume III das Viagens de Spix e Martius, a visita “à fábrica da pólvora e residência do Sr. João Gomes de Abreu”, explorou detalhes com uma finalidade precisa, pela forma com as indicações nos são fornecidas<sup>34</sup>:

*A residência do Senhor João Gomes de Abreu, coronel do Corpo de Engenheiros é ilustrado brasileiro de Minas Gerais, director da fábrica da pólvora e do jardim botânico. Atrás das casas circundadas pela lagoa de Rodrigo de Freitas e rochas cobertas de mato existe uma plantação de chá cultivado como na china plantado, colhido e torrado*

A viagem de Thomas Ender continua por Paraíba, até São Paulo. Nos dez meses que passou na colônia chegou a produzir quase 800 desenhos e aguarelas, mas a comitiva separava-se por diferentes partes do país, em diferentes missões e, como ainda refere a mesma autora: “Nessa altura Ender se separa dos dois cientistas [Spix e Martius] que foram constantes companheiros de vários meses”, e que continuariam dali por diante em outras regiões a descobrir e levantar o material que mais tarde seria divulgado na *Nova Genera et Species Plantarum Brasiliensium* (1823- 1832), *Icones selectae Plantarum Cryptogamicarum Brasiliensium* (1827) ou ainda *Historia Palmarum* (1823-1850), entre outros.

Ender terminou a sua missão no Brasil a 1 de Junho de 1808 e foi solicitado como pintor da corte do Arquiduque Johann, irmão do Imperador Francisco I. Nesse mesmo ano, a rainha Josefa Leopoldina enviava ao pai, a primeira remessa de animais, vegetais, e outros objectos etnográficos para fundar em Viena o *Brasilium*, o actual Museu de Belas Artes de Viena. Spix e Martius terminariam a viagem em 1821, mas está ainda por estudar o mosaico de objectivos que levaram tantos diplomatas e estadistas a ingressar na comitiva da rainha D. Josefa Leopoldina e a verdadeira missão da *Missão Austríaca* ao Brasil. Poderemos afirmar que a abertura do comércio à Europa, traria a autonomia às artes no Brasil, uma vez que os artistas europeus passaram a circular livremente naquele território americano, não sendo mais controlados, abrindo os portos e a porta a outras entradas como foi a Missão Francesa, que se lhe seguiria logo depois.

---

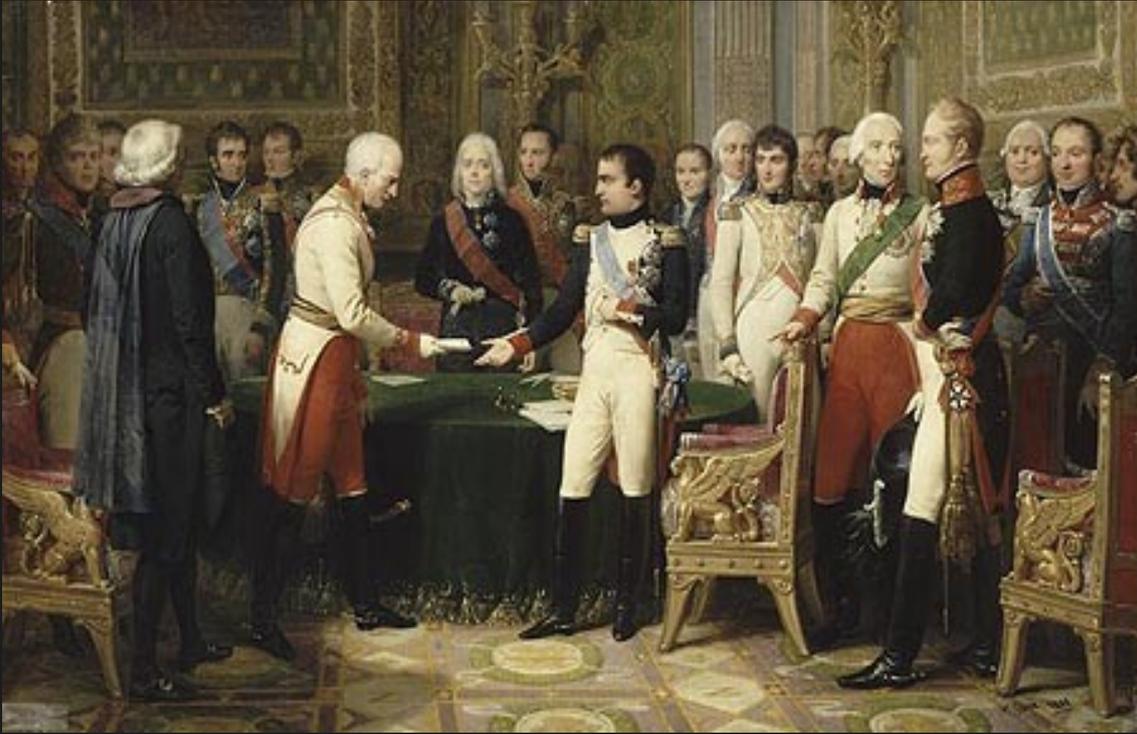
<sup>34</sup> SPIX, op. cit., vol. 3, p. 141.



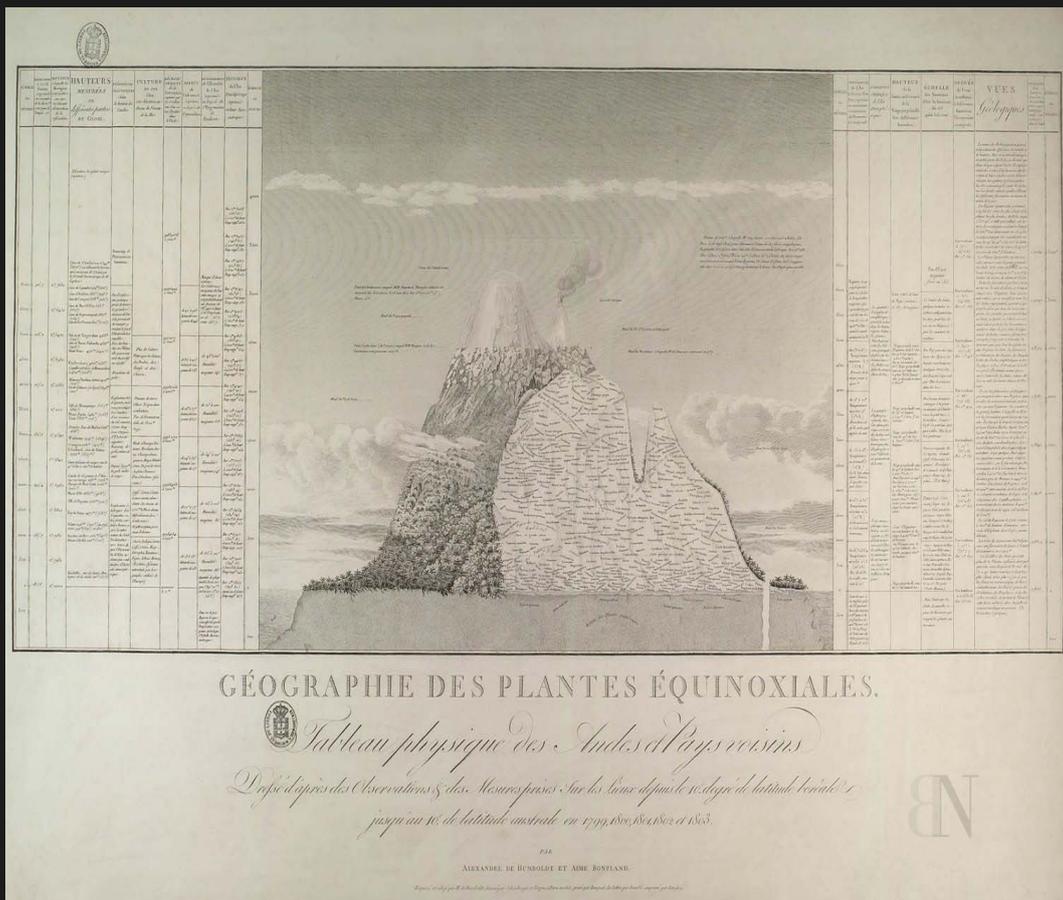
**Figura 1** – Retrato de Clemente Venceslau Lotário von Meternich (1773-1859).  
Fonte: [http:// images.google.com](http://images.google.com)



**Figura 1** - PIERRE-PAUL PRUD'HON: *Retrato de Charles-Maurice Talleyrand*, 1807.  
Paris, Périgord, Musée Carnavalet.  
Fonte: <http://upload.wikimedia.org>



**Figura 3** - Napoleão recebendo em audiência o diplomata austríaco, enviado pelo Imperador Francisco I - Erfurt, 27 Setembro - 14 Outubro 1808.



**Figura 4** – ALEXANDRE HUMBOLDT: *Géographie des plantes équinoxiales*.  
 Fonte: <http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/205/205.html>



**Figura 5** - THOMAS ENDER: *Serra da Estrela, Minas Gerais, 1817-21.*  
Aquarela sobre lápis.

Fonte: <http://portaldabaiadeguanabara.com.br>